

LUIZ RUFFATO

A cidade dorme

Contos



COMPANHIA DAS LETRAS

Copyright © 2018 by Luiz Ruffato

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.

Capa

Kiko Farkas e Felipe Sabatini/ Máquina Estúdio

Foto de capa

Cristiano Mascaro

Revisão

Renata Lopes Del Nero

Os personagens e as situações desta obra são reais apenas no universo da ficção; não se referem a pessoas e fatos concretos, e não emitem opinião sobre eles.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Ruffato, Luiz

A cidade dorme : contos / Luiz Ruffato. — 1ª ed. — São Paulo :
Companhia das Letras, 2018.

ISBN 978-85-359-2664-4

1. Contos brasileiros I. Título.

17-10854

CDD-869.3

Índice para catálogo sistemático:

1. Contos : Literatura brasileira 869.3

[2018]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone: (11) 3707-3500

www.companhiadasletras.com.br

www.blogdacompanhia.com.br

facebook.com/companhiadasletras

instagram.com/companhiadasletras

twitter.com/cialetras

Para Claudiney Ferreira
Para Antonio Martinelli

Os cavalos da aurora derrubando pianos
Avançam furiosamente pelas portas da noite
Murilo Mendes

Sumário

Minha vida,	11
As vantagens da morte,	15
O homem que colecionava horas,	20
Bandeira de luz,	21
O homem na multidão,	23
Promessa,	25
Cantos,	27
Água parada,	30
O dia em que encontrei meu pai,	45
A voz,	50
Sem pensar,	54
A menina,	57
¡Gua!,	61
O repositório,	64
A cidade dorme,	68
Kate (Irineia),	71
Lembranças,	76
Destinos,	80
Relato de Juan de Cartagena,	83
A alegria,	87

Minha vida

Para Donizete Galvão

Agora tem um ano que mudamos para a nossa casa no Paraíso. Ela não está pronta ainda. Falta emboçar as paredes de fora e pintar as de dentro, mas, orgulhoso, meu pai fala que pelo menos não precisamos mais ter medo de ficar sem dinheiro no fim do mês para pagar o aluguel.

Uma correria danada durante a construção. Todos ajudam. No dia de bater a laje, os colegas do meu irmão da Manufatora organizaram um mutirão. Parecia um caminho de formiga: lá embaixo, os que misturavam areia, cimento, pedra-brita e água; lá em cima, os que espalhavam a massa sobre o madeirame; e, entre uns e outros, os baldes, transbordando, passavam de mão em mão até alcançar a escada. Eu mesmo, nesse dia, fiquei numa lufa-lufa sem fim: montado na bicicleta Philips, freio contrapedal, pneu-balão, que meu pai tinha comprado de segunda mão para mim, emendei várias viagens entre a Vila Teresa e o Paraíso, carregando sacos de pão com molho de tomate e garrações de quissuco que minha mãe e minha irmã faziam.

Aquilo lembrava mesmo um caminho de formigas, que, depois que o sol morre, eu e meu pai combatemos nos altos dos

pastos. São cabeçadas, que arrancam sangue da gente, as enfezadas. Nosso bairro ainda não tem luz. A água tiramos de uma cisterna de vinte metros de fundura, com uma bomba Marumby. Todos nós revezamos para garantir o banho e para minha mãe cozinhar e lavar roupa para fora. Hoje são dez trouxas, mas já foram umas quinze por semana.

Eu sinto falta da Vila Teresa. Quando no ano passado o caminhão encostou para levar a mudança, corri para o quintalzinho, onde vivia em camaradagem com lesmas, grilos, paquinhas, minhocas e até um sapo-boi, na estação das águas, e abri o berreiro. Ali passei os melhores anos da minha vida, brincando de bola no campinho, de pique, indo à escola... Eu tinha um gato, branquinho branquinho, de rabo assustado, chamado Ronrom. Ele veio preso dentro de um saco de estopa, porque falaram que não podia ver o caminho, senão voltava para a casa antiga. Durante o trajeto, preocupado se ele estava sentindo falta de ar, deixei que pusesse a cabeça para fora. Bastou a gente chegar no Paraíso e ele sumiu. Passei vários dias andando de um lado para o outro, especulando sobre ele, mas nunca mais ouvimos o miado do Ronrom. Ainda hoje penso que, se não tivesse deixado ele olhar a paisagem...

Mas minha mãe disse que os gatos são assim mesmo, mal-agraçados, e prometeu me dar um cachorro de presente de aniversário. Ele vai chamar Joli, um nome bonito que ouvi na praça Santa Rita, onde meu pai vende pipoca. Ele tem um carrinho verde e, de vez em quando, me deixa tomando conta para eu poder aprender a não ter medo de trabalho. Apareceu lá certa vez um adestrador com um pastor-alemão e o bitelo só faltava falar, porque entender, ele entendia tudo. O homem mandava ele deitar, rolar, sentar, ficar paradinho feito estátua, buscar um pedaço de pau lá-longe, e todos batiam palmas, encantados. Só quando pediu para tirar o chapéu do meu pai é que não gostei,

porque ele levou um susto e quase caiu de costas e o povo morreu de rir (eu também, mas disfarcei). Esse pastor-alemão é que chamava Joli.

Está sendo difícil adaptar aqui, porque antes a gente vivia num cortiço, mas com água encanada e luz elétrica, e a rua, calçada de paralelepípedo, era perto do Centro. Atravessávamos a ponte nova e já estávamos na praça Rui Barbosa, onde meu irmão e minha irmã rodavam no sábado à noite. Lá estão os dois cinemas da cidade, a padaria mais bonita, a maior lanchonete, os bancos e, para tristeza do meu pai, coitado, o melhor ponto para vender pipoca, ocupado pelo xará dele, seu Sebastião Lopes. A praça Santa Rita não oferece nada, só a missa da igreja Matriz e a fonte-luminosa. Mas o lugar, escuro, por causa das árvores que escondem a iluminação dos postes, só acolhe quem não presta, como diz a minha mãe. Imagina então a freguesia do meu pai... Mas na Vila Teresa também havia inconvenientes. O correio de casas, muito perto do rio Pomba, ficava coberto pelas águas quando vinha a enchente.

A minha irmã detesta o Paraíso, porque é longe e feio. Na hora de trabalhar, ela tem que ir a pé até o Beira-Rio para pegar um ônibus. Ela acorda antes do sol e desce a morraria xingando e lamentando o dia em que nasceu. Ela reclama da poeirama, na estiagem, e do barro, na época das chuvas. E vive ameaçando que um dia casa com alguém só para ir embora. Aí minha mãe fica brava, porque ela fala que quis sair da Vila Teresa para dar uma vida mais digna para os filhos, mas principalmente para minha irmã, onde já se viu criar uma menina no meio de marginais e mulheres-da-vida? Meu irmão entra na discussão e acusa minha irmã de ser metida, que ela tem um rei na barriga e que, em vez de louvar a família, cospe no prato que come. E meu pai, que não gosta de confusão, começa a assobiar, a cantar, sai de fininho, e só volta quando colocaram uma pedra sobre o assunto.

Agora, que estou terminando o primário, meu pai avisou que vai me inscrever no Senai, para eu poder aprender uma profissão. Ele quer que eu seja torneiro-mecânico que nem meu irmão, e sonha em um dia a gente ir para São Paulo trabalhar nas fábricas de carro, que é onde está o futuro, ele diz. A minha mãe chora só de pensar nisso, porque por ela nós nunca vamos nos separar. Mas meu irmão já recebeu até proposta de emprego em Diadema, que, dizem, é longe. E minha irmã está namorando firme e deve casar mesmo, não demora muito. Eu fico triste, porque só vai restar eu e devo seguir também para fora. Mas eu não queria ser torneiro-mecânico, queria mesmo era ser bancário do Banco do Brasil, que nem o marido da minha professora, dona Aurora.

As vantagens da morte

Para José Santos

Ouvi um toc-toc-toc, virei de lado, tentava pegar no sono, calor e pernilongos, ouvi de novo o toc-toc-toc, levantei, escancarei a janela e me deparei com meu irmão montado em sua Göricke preta com frisos dourados, segundo andar do prédio do conjunto habitacional onde morava, perguntando, daquele jeito bonachoso, Vai me deixar muito tempo aqui fora ainda, Tiquim? Ele pousou dentro do quarto sem dificuldade, abriu o descanso, estacionou a bicicleta num canto, E aí, como vão as coisas? Foi quando notei que eu estava bem mais velho que ele, ele havia morrido com vinte e dois anos, um negócio esquisito, chegou da fábrica, trabalhava de tecelão na Irmãos Prata, falou que não estava sentindo bem, se jogou na cama de roupa e tudo, a mãe ainda perguntou se queria tomar um chá de boldo, disse que não, queria apenas dormir um pouco, deitou, dormiu, não acordou mais, e fiquei com a sensação de que uma manhã eu ia despertar e lá estaria ele na cozinha tomando café, enfiado no macacão fendendo a graxa, pronto pra ir pra fábrica, mas os anos passaram, ele não levantou mais. E agora reaparece, como não tivessem de-

corrido trinta anos, a cara ainda com marcas de espinhas, o cabelo emplastrado de vaselina, E aí, como vão as coisas? Intrigado, perguntei como me havia achado em São Paulo, tão grande, ele riu, disse que tinha demorado um tanto pra me encontrar, mas que precisava saber notícias, afinal desde que saí de Cataguases nunca mais ninguém escutou falar de mim. Respondi que vivia preso na labuta, sabe como é, mas na verdade havia jurado só voltar quando tivesse juntado dinheiro suficiente pra deixar todo mundo com inveja, o que nunca aconteceu. Ele olhou pra um lado e outro, mexeu no guarda-roupa, vasculhou debaixo da cama, abriu a gaveta da mesinha, Você não está muito melhor do que quando a gente morava em Cataguases, falou, e começou a criticar, Se a mãe visse você assim, nessa dificuldade, ia ficar muito triste, Criar um filho pra isso!, posso até ouvir ela choramingando. Pra não aborrecer ainda mais, mudei de assunto, perguntei se via muito ela lá onde estavam, e fiquei com medo de perguntar onde estavam, ele respondeu, Rapaz, é uma felicidade aquilo, eu, o pai, a mãe, a vovó, o vovô, e desfilou um monte de nomes de parentes, vizinhos, colegas e amigos, nem sabia tanta gente assim, e disse que onde estavam era sempre uma festa, Depois que a gente morre junta todo mundo de novo, e fiquei com vontade de morrer também, pra encontrar com minha mãe, meu pai, sentia tanta falta deles!, e quis saber o que ficavam fazendo lá, e ele explicou que onde estavam viviam em comunidade, todos se conheciam, o dia inteiro à toa, a mãe cozinhava, comida não faltava, e o pai andava pra cima e pra baixo, vestido dentro do terno dele, chapéu na cabeça, pregando, que desde que virou crente tinha aquela mania de pregar, o dia inteiro só falava em Bíblia, e na hora do almoço sentavam todos juntos numa mesa enorme, depois descansavam, porque fazia calor lá tanto quanto em Cataguases, e eu desconfieei então onde eles estavam, mas a minha mãe, será?, e ele, meu irmão, num dia saía

cedo de casa e ia pescar no rio, que era igual ao rio Pomba, mas limpo, A gente vê os peixes chegando e mordendo a isca, e quando é pequeno demais a gente espanta ele, chiipe, chiipe, só aproveitamos os grandes, e noutra saía pro brejo pra caçar rã de noite, junto com o Chiquim Rãzinha, Lembra dele?, Ele morreu?, perguntei espantado, Morreu, ele disse, tem uns anos já, atropelado, fiquei pasmo, o Chiquim era da minha idade, tinha ido pro Rio de Janeiro trabalhar num banco, gostava muito dele, Quando voltar, dá um abraço nele, diz que mandei lembranças, puxa vida, que pena, Pena nada, meu irmão falou, ele está feliz agora, passa o dia inteiro à toa, inventando armadilhas pra pegar rã, e o bom é que tomou gosto por bola, Mas ele nem gostava de futebol, falei, Pra você ver, agora é viciado em pelada, não joga grandes coisas não, mas é titular do nosso time, Como chama o time, perguntei, Amor e Cana, respondeu, Opa!, e pode beber lá?, e ele, gargalhando, Claro, você bebe e bebe e bebe, fica de fogo, mas no dia seguinte acorda bonzinho, não tem ressaca não, é uma maravilha, e eu sentia cada vez mais aumentar minha vontade de morrer, E a mãe, está bem?, Está ótima!, continua naquela lida de lavar roupa pra fora, Não parou não?, Parou nada, se parar, ela morre, e riu da própria piada, Se parar, ela morre, repetiu. A madrugada ia alta, conversávamos baixo pra não incomodar os vizinhos, ele falava da beleza que era a morte, e eu pensando no meu rol de contrariedades, sozinho, sem dinheiro, largado pela mulher, desprezado pelos filhos, e ele se gabando de que não precisava importar com nada, vivendo alegre ladeado pelos amigos, até que tocou no assunto que verdadeiramente tinha levado ele ali, minha família era assim, rodeava, rodeava, rodeava, até laçar o sujeito, parecia uma coisa de gato brincando com rato, deixava fugir e pegava de novo, deixava fugir e pegava de novo, até cansar e dar o bote final, tchum! No caso, o que tinha levado ele ali, a mando da minha mãe, e do meu pai tam-

bém, com certeza, porque em algumas coisas eles uniam, era meu estado de abandono. Aí fiquei bravo, falei, alterando a voz, Nem depois de mortos vocês deixam de meter na minha vida, e ele ficou bravo também, disse, Olha como você fala comigo!, e eu, Por quê?, Porque sou mais velho que você, você tem que obedecer, aí ri, falei, Vê se se enxerga! Eu sou mais velho que você agora, você é que tem que obedecer, e então notei que ele ficou confuso, tive pena, não queria brigar com meu irmão, gostava dele, devia muita coisa a ele, ele sempre tinha me protegido, nas brigas na rua, nas vezes que fazia alguma burrada em casa, então falei, Deixa disso, somos sangue do mesmo sangue, e dei a mão pra ele e ele apertou e a gente se abraçou. Então me contou que a mãe e o pai estavam muito preocupados comigo, porque me viam angustiado, batendo cabeça, e perguntavam se não era melhor eu voltar pro lugar de onde vim, afinal não viam vantagem nenhuma estar ali, daquele jeito, como fosse pagão, dali a pouco meu tempo esgotava, e se eu morresse naquela lonjura talvez não conseguisse juntar com eles, É uma bagunça danada na hora que a gente morre, explicou, Parece uma rodoviária lotada em véspera de feriado, se você de repente se perde, pode não encontrar a gente nunca jamais, e essa era a grande aflição da mãe, embora o pai discordasse dizendo que eu não era bobo, tinha até tirado diploma de contador, e gostei da defesa que meu pai fez de mim, mas pensei também que talvez por minha causa ele e a mãe deviam até ter brigado, porque eles eram assim, quando começavam uma discussão levavam até o fim, e o fim era quando meu pai desistia, ia pra rua batendo o pé, e minha mãe gritava, Não falei?, quem cala, consente!, e ele, derrotado, saía cantarelhando hinos da Igreja e mastigando a dentadura, porque quando ficava nervoso tinha essa mania de mastigar a dentadura, e falei pro meu irmão que não precisava incomodar não, porque estava tudo bem, passava por um momento complicado mas logo logo

tudo se ajeitava, mas no fundo a verdade é que, mesmo que quisesse, não tinha pra onde ir, estavam todos mortos, meu caminho era sem volta, condenado para sempre à solidão e à amargura, mas não quis demonstrar isso pra ele não ficar desgostoso, ele não merecia, parecia tão contente, e notei que a manhã vinha querendo nascer, o firmamento já tinha uma barra avermelhada, meu irmão falou, Bom, Tiquim, acho que já vou indo, é uma grande viagem de volta, pegou a bicicleta, recolheu o descanso, abraçamos novamente, e ele saiu janela afora. Aparece de vez em quando, ainda falei, mas acho que ele não chegou a ouvir.